

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 82175

Temática: Justiça

Dimensão: 733 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 19



PJ quer 60 novos inspetores por ano

O diretor da PJ reconhece fragilidades e quer atrair mais jovens inspetores. 120 tomam posse no início de abril

Nem de propósito: pouco antes da hora marcada para uma conversa com o diretor nacional da Polícia Judiciária, 40 ou 50 inspetores protestavam à porta do moderno edifício da Gomes Freire, em Lisboa, pela aprovação do novo estatuto desta polícia. "Será a nossa próxima luta", diz Luís Neves, o homem que está a tentar estancar a hemorragia que há vários anos atingiu a polícia.

Apesar do reforço de 120 novos inspetores, que vão entrar daqui a duas semanas, a verdade é que a PJ está a funcionar com pelo menos metade dos efetivos que devia ter. E "sim, é verdade" que a idade média dos operacionais é demasiado elevada: "A média de idades na PJ está nos 49 anos. É mau, é negativo. Temos de rejuvenescer. E vamos rejuvenescer. As pessoas que vão entrar agora estiveram quatro anos e meio à espera. Não pode voltar a acontecer porque vão chegar à polícia com 28 ou 30 anos e nós queremos que cheguem com 24."

Os novos inspetores vão estagiar durante um ano nas várias unidades e diretorias do país. Este ano vão começar a fazer o curso mais 47 candidatos que foram aprovados mas não tiveram logo lugar nos efetivos da PJ por falta de vagas, que agora foram desbloqueadas por decisão da ministra da Justiça. E ainda este mês vai abrir mais um curso para cem novos inspetores que deverá começar no início de 2020. "Em pouco mais de dois anos vamos reforçar-nos com um quarto dos polícias já existentes. A polícia precisa de reverter a situação em que está e, quando estabilizar, não precisaremos de cursos tão grandes. Iremos abrir cursos para 75, 60 pessoas, mas todos os anos. É esse o nosso objetivo", revela Luís Neves que diz estar em sintonia com a ministra Francisca Van Dunem. "Estes 47 candidatos estavam numa espécie de reserva e só vão entrar por compreensão da tutela. Houve um esforço por parte da ministra e foi ela — mais nenhum ministério o conseguiu — que não só permitiu a entrada dos 47 como admitiu novo concurso para 2020". Quanto é que custou essa opção? "Não foi preciso mais dinheiro. O orçamento é sensivelmente o mesmo do ano passado. Houve erros que foram cometidos no passado como ter devolvido dinheiro com despesas para pessoal, que nós agora não conseguimos recuperar."

Dez anos sem reforços

Há dez anos que a PJ não tinha qualquer reforço de pessoal e Luís Neves admite culpa própria: "Não temos os meios de que precisamos porque da nossa parte as coisas não foram devidamente pedidas e há dificuldades e restrições orçamentais que afetaram e afetam toda a gente, desde os hospitais até aos tribunais, passando, claro, pela polícia. Não digo que tenha havido falta de vontade política, o país atravessou um período de grandes dificuldades."

Dez anos sem sangue novo acabaram por prejudicar a

operacionalidade da Judiciária: "Se um polícia foi sério e abnegado na sua atividade ao longo de 20 ou 30 anos, desgastou-se. São noites, fins de semana, vigilâncias. A polícia mudou muito, não é só reativa. Há coisas novas que apareceram como a complexidade na criminalidade económico-financeira, as ameaças terroristas, o aumento exponencial no crime cibernético. Um inspetor com 50 anos se for preciso adapta-se, mas precisamos de gente nova para investigar. A unidade de crime informático, por exemplo, só tem dois anos e já tem pouca gente. Todos os departamentos têm pouca gente."

Talvez por isso, a PJ viu-se afastada de grandes processos como a 'Operação



Luís Neves é diretor nacional da Judiciária FOTO TIAGO MIRANDA

Marquês', que está a ser investigada pela Autoridade Tributária e já levou à acusação do ex-primeiro-ministro José Sócrates e ao banqueiro Ricardo Salgado; ou do ataque à Academia de Alcochete, que ficou a cargo da GNR, e que envolve o ex-presidente do Sporting e várias dezenas de adeptos do clube acusados, entre outros, de crimes de terrorismo. Neves nega: "O facto de a PJ não estar a investigar esses casos não tem nada a ver com a falta de meios. Desconhecemos qualquer situação em que isso tenha acontecido. São opções. A operação com mais arguidos é nossa; o caso dos Hell's Angels. Conseguimos mobilizar 400 investigadores em pleno verão. Agora é óbvio que, com mais meios, podíamos fazer muito mais."